do respectivo versículo que está a ser comentado (na margem do lado esquerdo) e dos lugares paralelos da Escritura (na do lado direito).

A partir da p. 167, é a vez das Cartas, com estrutura gráfica de texto, comentários e notas laterais semelhante à do Evangelho. Na introdução (pp. 169-175) R. E. Brown elucida sobre o autor, a relação das cartas com o Evangelho, a ocasião da sua escrita e a estrutura da primeira Carta.

O livro, em sua forma de síntese ou resumo, sem deixar de poder ser útil para alunos e mesmo para docentes dos escritos joaninos, pode sobretudo tornar-se um precioso instrumento auxiliar para quantos, mesmo simples fiéis, procuram uma sábia aproximação do sentido dos textos bíblicos. No caso, do evangelho e das cartas do discípulo amado.

Luís Salgado

## FILOSOFIA

Spaemann, Robert, **Les personnes. Essai sur la différence entre «quelque chose» et «quelqu'un»**, coll. «Humanités», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 360 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08987-6.

O que é que, verdadeiramente, constitui a essência do ser pessoa? O que é que permite falarmos de «alguém», como irredutível a qualquer simples «alguma coisa»? Será um doente mental uma pessoa? Ou, ainda, um ser humano em estado de coma ou, mais simplesmente, um homem a dormir serão verdadeiramente pessoas? Beneficiarão, como tais, dos «direitos da pessoa» (expressão que, por alguma razão, substituiu «direitos do homem»)?

Robert Spaemann, professor emérito da Universidade de Munique e figura eminente da filosofia moral na Alemanha, revisita aqui a ideia aristotélica de natureza humana e de teleologia para interrogar criticamente as grandes correntes da modernidade sobre isso que se considera como «ser pessoa». O livro em presença é a tradução francesa do original alemão *Personen. Versuche über den Unterschied zwischen «etwas» und «jemand»* (Stuttgart, 1996).

Aliando a atenção à vida concreta, com os múltiplos exemplos que nela podemos encontrar, às referências precisas da história do pensamento, num estilo muito analítico e, à boa maneira alemã, muito paciente e atento ao mais ínfimo pormenor, debruçando-se sobre a linguagem em que o termo «pessoa» ou outros equivalentes ou com ela relacionados aparecem, Spaemann procura sapientemente detectar a verdadeira essência da pessoa. Contrariando certas tendências modernas para afirmar que nem todo o homem é pessoa, e tendo em vista, em particular, aquela que reduz a visão da mesma à interioridade e subjectividade e aquela que, pelo contrário, reduz a pessoa ao «indivíduo» (caso, p. ex., dos sociólogos), sublinha que as pessoas, verdadeiramente, só existem no plural, enquanto que inseridas numa comunidade de reconhecimento da unicidade de cada uma. Quis exprimir isso no próprio título do livro: *Les personnes* (al. *Personen*).

Mas a verdade é que a pessoa tem uma natureza própria. Na procura desta – em boa postura hermenêutica em face da linguagem onde o ser das coisas anda configurado e a partir do qual se desvela, mas procurando ir além da linguagem, na procura do ser mesmo das coisas, no caso, do ser ou da essência da pessoa –, analisa

as relações entre o individual, o universal e o singular; mas também entre a razão e o coração, o pensar e o querer; e entre essência, hipóstase e pessoa gramatical; e entre natureza e racionalidade. Qualifica a pessoa como unidade concreta e irredutível, sujeito do bem-ser, redundando em bem-estar ou ser feliz, e objecto do amor. Estabelece as diferenças em relação aos (outros) animais. E entre viver e ser. Estuda a vocação de *homo religiosus* e a sua relação com a transcendência. E justifica-o como ser moral, dotado de liberdade e responsabilidade e em relação com a norma. Analisa também a relação da pessoa humana com o tempo e a eternidade, não obstante a sua finitude e morte. A humana possibilidade do verdadeiro. O que devemos entender por alma e pela imortalidade desta. E o autor não evita enfrentar a questão de se todos os homens são pessoas, apresentando seis argumentos em favor de uma resposta afirmativa.

No seu todo, estamos perante um estudo sério, numa base de fina observação e descrição fenomenológicas e do subsequente esforço de interpretação, em discurso muito bem conduzido, feito de frases curtas que o tornam transparente e facilitam a sua compreensão.

Jorge Coutinho

Bardout, Jean-Christophe (dir.), **Philosophie et Théologie à l'époque moderne. Anthologie tome III**, coll. «Philosophie & Théologie», sous la direction de Philippe Capelle-Dumont, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 492 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08178-8.

Terceiro volume da antologia de textos dirigida por Ph. Capelle-Dumont – vd. sobre os dois primeiros *Theologica* 44 (2009) 446-448 – apresenta textos de vinte e oito pensadores do época «moderna», acrescida de vários de índole temática. Sempre tendo em vista o respectivo contributo para a história da relação entre a fonte bíblica e a fonte grega do pensamento ocidental. Entre os primeiros contam-se Lutero, Calvino, Erasmo, Descartes, Pascal, Spinoza, Leibniz, Kant, Fichte, Schelling, Hegel, Comte, Schleiermacher, Feuerbach, Marx, Nietzsche… Entre os segundos, a teologia física, as tensões entre cepticismo e teologia, filosofia e mística, materialismo e teologia…

O fio condutor da sequência dos textos e respectivos autores está muito bem definido por Ph. Capelle-Dumont nas breves páginas (9-14) de apresentação do volume. Por sua vez, o director do mesmo volume, J.-Chr. Bardout, sob o sugestivo título englobante de «Le Verbe ou la Raison», na sua Introdução (15-65), faz uma análise bastante detalhada do desenvolvimento das diferentes posições, tendo em conta, além do mais, os respectivos contextos históricos, culturais e religiosos. Começa por evidenciar o carácter instável do equilíbrio entre filosofia e teologia no decurso dos tempos. Detém-se em seguida sobre o declínio dos modelos escolásticos na aurora dos tempos modernos e o surgimento de novas perspectivas (Reforma, humanismo, cepticismo…). Um estudo atento dedica à nova distribuição de papéis operada por Descartes e às suas sequelas. Do mesmo modo procede ao analisar a tendência para, a partir do Iluminismo, o Verbo de Deus dar lugar a uma Razão universal, originando as filosofias idealistas.

Em cada autor ou tema apresentado, o volume apresenta uma bibliografia essencial, activa (textos) e passiva (estudos). E, no final, um índice onomástico geral.